

Eleições 2002 - ou votando com fé

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

É coisa sabida que no Cristianismo a fé está intimamente relacionada com a política desde os primórdios da história do povo de Israel.

Começamos e encontramos os fundamentos no próprio Deus que, na Revelação ao Povo de Israel, se mostra como Palavra atuante e eficaz, que faz o que diz e faz fazer, que age sobre o homem e a realidade, que "trabalha" incessantemente sobre a criação, com o único intento de trazê-la de volta a sua comunhão de amor; continuando com o Verbo Encarnado, Jesus de Nazaré, que no Evangelho afirma: "Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho" (Jo 5,17); o Deus da fé cristã é Alguém que não cessa de trabalhar e agir. E sua práxis tem como destinatário o ser humano, o qual, por sua vez, recebe e coopera ativamente com essa práxis divina que "acontece" no meio do mundo.

Se toda práxis humana é resultante e correspondente da práxis divina, a práxis social e política não fugiria a esta regra. Como toda práxis humana, certamente, submetida a alguns critérios, a práxis política pode ser e efetivamente o é muitas vezes, mistério de uma saída de si que não deixa de ser um êxtase, um mergulhar no outro. Se os êxtases dos místicos reconhecidos pela religião oficial são, com grande justeza, não ressaltados como os mais importantes critérios para o reconhecimento da autenticidade de suas experiências, por outro lado, as obras concretas que acompanham e/ou se seguem a estes êxtases são, certamente, denotativas de sua maior ou menor autenticidade.

A experiência de Deus está longe, portanto, de ser um fruir impune das delícias e maravilhas da contemplação dos mistérios eternos, mas é, antes de mais nada e ao cabo de tudo, envio ao mundo, e um assumir da própria responsabilidade em relação àqueles e àquelas que, desde o seio da realidade desfigurada e injusta, clamam por justiça e compaixão.

Se a mística é união com o mistério divino, para o cristianismo - e também para as outras religiões que nos mostraram algo de sua riqueza neste encontro - certamente esse divino não se encontra "fora" das coisas deste mundo. Pelo contrário, é mergulhando mais profundamente nas coisas, em todas as coisas, que poderemos encontrar o mistério de nossa criação, a transcendência que desejamos e da qual temos sede, que nos ultrapassa e ao mesmo tempo se faz próxima desde o seio mesmo da realidade.

É aí que fé e política mostram mais claramente sua possibilidade de intersecção. Pois, se Deus, o sujeito maior da fé, se deixa encontrar em todas as coisas; se no mundo, neste mundo tal como ele é, é possível experimentar sua presença inefável, então o agir humano neste mundo está definitivamente "consagrado" e é parte integrante da esfera do sagrado e do divino. E isso dentro mesmo de sua condição de profano e secular, e não abdicando ou escapando dela.

O Deus que age e trabalha no mundo é condição de possibilidade e mola propulsora da práxis do homem. Experimentado em seu mistério, esse Deus suscitará por parte do homem, um agir que não será mais dele, mas indissolivelmente entrelaçado num só movimento com o agir de Deus. Encontrar a Deus será, assim, encontrar ao mesmo tempo o mundo e os outros, e contemplar a Deus será sinônimo de fazer acontecer no meio da realidade, com todas as suas ambigüidades e problemas, o Reino de Deus.

Resta-nos perguntar o que vem primeiro ou se uma coisa é conseqüência da outra. Em outras palavras, para entrar a fundo no mundo da fé é preciso renunciar à política ou ao político? Ou vice-versa: para optar pela vida na “polis”, no mundo, na cidade secular, é preciso voltar as costas para a fé que estaria fadada a tornar-se então assunto de alguns poucos especialistas ,habitantes dos claustros, dos mosteiros ou de outras modalidades de organizações religiosas comunitárias explicitamente contemplativas?¹

Não se levar a sério o que diz o místico Paulo de Tarso nos primórdios do Cristianismo:”Sois uma carta de Cristo, escrita não com tinta, mas com o Espírito Santo. Não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os nossos corações”(2 Cor 3,3). O Deus da fé cristã é alguém que trabalha. É Espírito que vai lavrando e esculpindo na realidade criatural uma nova realidade, uma nova gênese: a gênese da nova criação.²

O ser humano é o destinatário desta práxis. É aquele que, ao mesmo tempo recebe passivamente e coopera ativamente, na medida de suas forças e possibilidades com esta práxis divina, este trabalho incessante que pretende reconduzir todas as coisas à comunhão desejada e sonhada com o Criador. Toda práxis humana seria, pois, à luz da teologia cristã, resultante da práxis de Deus. E não apenas enquanto reflexo. É a própria práxis divina acontecendo dentro do mundo e da realidade na mediação da carne do homem. A práxis política não fugiria a esta regra.

Nestas eleições, portanto, votemos com fé. Votemos conscientemente, sabendo que assim fazendo estaremos participando do agir do próprio Deus, que é Aquele que mais deseja nosso compromisso em prol do bem comum. E a política é a arte do bem comum. Importa, pois, escolher com fé aqueles que acreditamos poderão trabalhar mais e melhor por esse bem comum, pela felicidade de todos, sobretudo dos excluídos e dos deserdados das benesses do progresso.